

VERBO IMAGINÁRIO **(Antologia Poética)**

O JARDIM DOS ENCANTOS

Olhar a luz por entre as sombras na quietude do momento.
Voar além por sobre o abismo,
fluir na paz e no silêncio,
bebendo o bálsamo do vento.
Olhar a placidez das brumas,
o vapor livre das espumas na aragem fresca dos açudes.
Ser como as pedras,
no remanso do rio calmo e sonolento.
Contornar os precipícios ouvindo os pássaros.
Sentir a luz plena do dia,
o sol lavando o rosto dos bosques.
Voar pelas torrentes de alegria como as flores brancas.
Viajar nos matizes das borboletas, flutuar,
ser leve, `a serenidade das margens do córrego,
escutando as cantilenas da floresta,
contemplando a oscilação dos galhos, o tumulto das folhas,
as águas fervilhantes, os algodoeiros vaporosos,
os arbustos despertados
e deslizar o olhar sobre a folhagem tremulante.

CIÊNCIA

Cantarei aos povos do mundo inteiro,
beijarei a face da eternidade,
cantarei meu poema verdadeiro
quando eu for a luz pura da verdade.
Quando eu for pra mim mesmo um justiceiro,
quando em mim o amor for toda humildade,
só então eu serei um mensageiro
da doutrina que une a humanidade.
Quando tudo em meu ser for só beleza,
quando a paz de Deus refletir em mim,

nascerão tantas flores do jardim,
que eu serei jardineiro da pureza,
eu serei uma parte da grandeza
da perfeita união que não tem fim.

TRÊS CONVICÇÕES

1. Alço vôo.

Meu Deus e essa aflição estranha!

Essa avalanche, esse silêncio cheio de música!

-- É a vida transbordando amor em mim.

Sou eu -- pedra por pedra -- erigindo o pilar do futuro.

2. Hiberno sonhos,

a solidão é minha ânsia de ultrapassar,

voejar, viajar rasante sobre a terra,

além de tudo, acima dos limites da altura,

além do que se possa imaginar.

Semeio êxtases em estéreis glebas,

até reflorir uma seara de confiança.

3. Hoje nasce em mim um novo ser.

Ando alado pela aura do arco-iris.

Um vendaval rodopiou comigo nas horas de ócio

e o gelo áspero crestou os crisântemos.

Mas eu frutificarei bondade, multiplicando harmonia.

HARMONIA

Já não ando em planícies vazias.

Afastei de mim todos os anátemas.

O ludíbrio já não escarnece dos meus ideais.

Agora caminho pelas nascentes regozijado,

ando entre flores nos quintais do encanto.

Amanheceu cristal de sonhos nos clarões dos astros,

compassivo enlevo acariciando a vida.

Ando sorrindo nas estâncias transparentes,

as esperanças chegam todas entre afagos de beleza e paz.

Minha vida ganhou este acalanto.

Já não escureço nas trevas da agonia.

Agora contemplo os mansos estuários, os tabernáculos,

os córregos de júbilo, as suavizações.

Agora a felicidade me acompanha em revoada,
ciranda de êxtase!

ITINERÁRIO ROMÂNTICO

Minha vida direcionei pelos teus passos e gestos
e hoje sou todo sensações.
Enfrento os temporais do círculo de fogo,
minha alma só pressente o teu mundo,
meu pensamento, transtornado de emoção,
vislumbra a imagem do teu semblante,
sonhando a expectativa da alegria.
Respiro no ar o teu perfume,
cheiro doce de maçã.
O ar é todo a tua presença.
O que tu dizes tem a melodia das canções do mar.
Teus olhos sedutores,
faróis do meu abandono,
dissipando a névoa a que meu destino se entregou.
Não me fales da terra, hoje eu pertencço aos astros!
Voando na paixão que o vento murmura,
já a minha sorte depende do teu sorriso.
A cidade canta o idílio dos pássaros porque nos teus braços reclinei a vida.
Que podem as parcas e o fado,
se tua lembrança eterniza o instante?

PLENITUDE

Que é esta fonte clara cantando no coração?
Que folgado afável luz, afagando a fronte em febre?
Que dádiva, que promessa clareia as noites e os dias
pelos mares insidiosos?
Clareira, lareira, sol da fortuna venturosa
que a paz em mim tranquiliza o tremor dos sortilégios?
Que harmonia de anjo e sonho me sorriu em meio `as feras?
E esta voz acariciante por entre os ares glaciais?
Que branca flor suavizante, que lâmpada embevecente
me transporta além das sombras, entre prazeres e mágoas
pelos becos do suplício?
Que substância divina sorvo nos bosques da calma?

São as palavras dos santos, as relíquias da ternura
que sublimam os martírios, que consagram a pureza,
que salvam do precipício e me arrancam do delírio,
me entregando a plenitude.

POEMA ESTÓICO

Querem te tornar um rato, um trapo, um bagaço,
um palhaço, um sapo, a sombra de um traço.
Um maluco pacato, caçar-te no mato, prender-te num laço,
lançar-te em pedaços nos espaços.
Querem te reduzir a pó, estrangular-te com um nó,
com uma pedra no pescoço te jogar num poço,
roto no alvoroço, te deixar só osso,
calado no calabouço.
Tirar teu couro, te fustigar feito um touro,
te esmagar feito um besouro,
arrancar teu casco, te escarrar com asco,
entregar-te ao carrasco.
Querem tornar-te um fiapo, farrapo, cobaia da Gestapo,
num buraco te entregar ao bando nefando,
te deixar miserando como um troço,
destroço, refugo de um verdugo, ao jugo de torcionários,
saqueado por falsários, gemendo em calvários.
Te deitar num esquife, te retalhar que nem bife no prato de um patife,
te cortar de navalha, trucidar-te na batalha,
palha em fogo de archote, sob o chicote,
em masmorras querem que morras currado em Gomorras,
furado pelo furor de algozes ferozes,
querem que bebas doses atrozes.
Mas quanto mais te humilham cretinos, carontes, devassos, fascistas,
mais te brilham horizontes, destinos, fontes.
Trilham teus passos novas conquistas, pistas, pontes,
hinos divinos cantas, e avanças e não cansas das andanças em que te lanças,
erguida a frente em que conduzes as cruces das esperanças,
nas urzes, nas mansas luzes, entoas acalantos santos.
Quanto mais preso, mais aceso o fulgor do teu amor.
Mais senhor de ti mesmo, mais voas,
mais te doas ao esplendor, mais coeso despertas
e te libertas das armadilhas do opressor.

Te maravilhas nas ilhas em que brilhas,
ciente da claridade,
segues em frente, na realidade transcendente,
suavemente ao sol que propicia a serenidade que nasce cada dia.
Farol de liberdade, passe de magia
em que a bondade acaricia a face da eternidade.
E viajas em naves de harmonia, ave de alegria,
tua chave de alquimia abre as portas da verdade.
Se te conspurcam farsas e violentam-te desgraças;
se a infâmia do escárnio ameaça-te,
se te atormentam com insolências os tiranos
e se freme o suplício do ódio a ferver,
pelo sacrifício da paciência, com gestos humanos,
conquista-lhes o poder.
Se o feitor de chicote na mão esbraveja opressão
e se diante do cadafalso, no teu encalço investe com furor o inquisidor,
mostra-lhes o que é a virtude,
conserva a serenidade,
prova-lhes que nada te ilude, derrota a vaidade,
aproxima-te da verdade.
Que a segurança não te faleça e cada agressão te fortaleça.
Se rosnam cachorros furiosos,
se te perseguem os invejosos, estalando chicotes e armando botes,
se te apontam agulhões, ganindo vociferações,
permanece com a tranquilidade de quem conhece a eternidade!

ASPIRAÇÃO

A matéria se dissolve em poeira,
a vida renasce em novos corpos.
-- Eu quero o imutável.
A folha tomba crestada de outonos,
os animais envelhecemos.
-- Eu quero o imperecível.
Até o vento se altera na fúria das tempestades.
Até o mar se rebela em horríidas convulsões.
-- Eu quero o imperturbável.

ÁGUA DE FLORES

O bem-te-vi pisa mansinho no vão de escada.
Os beija-flores, quais querubins, brincam-brincando de madrugada
sobre as torres de marfim.
Do amor-perfeito pro girassol,
da clarabóia pra flor-de-lis,
no claro-escuro da antemanhã.
No lusco-fusco do por-do-sol,
as lavadeiras nos passatempos de sextas-feiras,
com seus vaivéns na premar,
andam correndo na beira-mar.
No céu de anil um arco-íris luze-luziu.
E a estrela d'alva na maré-cheia
e Aldebarã no azul marinho,
fulge-fulguram quais vagalumes
sobre os cardumes de água-marinha.
E a lua nova, qual passarinho de madrepérola,
pousa de leve na madressilva, na sempre-viva e na couve-flor
num pomar furta-cor.

NATUREZA MINERAL

Da fusão de ácidos fluidos e luzes condensadas,
a Alma do Cosmos emergiu de suas profundezas,
engendrando os mares de plasma.
Explodiram estratos orgânicos no oceano de amônia e sais fosfóricos,
filtrados no espaço.
Hidrogênio e Hélio sedimentaram camadas ígneas
de conchas de potássio e algas voláteis,
germinando as constelações.
A luz dos impulsos planetários,
cristalizando as nebulosas de glicogênio,
potestades astrais polarizaram o espaço de átomos,
em torrentes de íons, cristais elétricos, vapores de sódio e cloro,
transmutados em ácido orgânico,
aminoácidos:
universo molecular de carboidratos,
glicídios sintetizados por enzimas,

clorofilas em transubstanciação.

MEMÓRIA DA NOITE SIDERAL

Noite de arrebóis diluídos em sombras,
elfos, salamandras e rios de cinza líquida,
com hidras e duendes-leviatãs.
Noite em que os gigantes se rebelaram
nos vácuos tremulantes de espectros.
Noite em que Plutão escavou no mundo as entranhas dos precipícios
e reinou o invisível
e Hórus se transformou no gato que devorou serpentes, hipocamos e sereias.
Campo de várzeas vazias onde redemoinham vapores e estrelas,
nas janelas do firmamento,
povoando a terra de charcos e vultos que as árvores gesticulam
aos sons dispersos das cavernas das ruas.
Grande corpo dissoluto de moneras e rostos de antepassados
em cada reflexo murmurando soturnas águas.
Rainha das profundidades de peixes voadores,
o rastro do vento é teu espírito,
deslizando objetos inanimados
com a emoção de mortos habitantes de casas antigas,
numa conflagração de névoa que invade os pântanos de sonoridade.
Cisterna de miragem, cratera zodiacal de polifonias,
gnomos uivantes no silêncio.
Cães que sonham com nacos de carne sangrenta
e sonâmbulos nos corredores de treva.

MEDITAÇÃO

Fui eremita, hirofante,
habitei as ilhas de Lemúria,
naveguei até o império do Ganges.
Depois emigrei para Mênfis,
o núcleo esotérico dos conhecimentos sumérios.
Hoje tenho a fortuna do maná,
chove nos canteiros dos meus sonhos
e posso abraçar a imagem da perfeição.

A vida me concedeu a essência do ar,
a claridade dos pensamentos,
o ritmo da imortalidade.
Como eximir-me de louvar as leis infinitas?
O destino humano é viajar em si mesmo, nas correntes de libertação.
Mas estamos entorpecidos
e precisamos ser como os pássaros que não pensam em sua fragilidade.
Desprezei prerrogativas e abjurei a indigência espiritual.
Só a consciência há de nortear o itinerário do meu destino.
Fui insensato, mas hoje adoro as forças da natureza
mais que os celtas e os povos levantinos
e sei cantar como as aves do amanhecer.

CONCEITO DE POESIA

Viajar no reino das palavras em profusões de música,
na raiz do idioma,
inventário genético no cérebro do índio das origens.
Viajar nos códigos proliferados do caos babélico,
nos morfemas fragmentados em metaplasmos,
desinências alteradas,
agitações febris de premonição,
o índice perdido na voracidade.
A poesia, eletricidade das estrelas na ossatura lexical,
rompe o silêncio no exílio das entranhas do arquétipo
e atravessa a estação sideral.
Poesia: retorno ao cristal das metamorfoses,
sequência do calendário infinito.

BALADA SENTIMENTAL

Tem pó na erosão do Tempo.
Do seu jugo quem é isento?
Estudo, vida, poesia,
perpassam na ventania....
Permanece o que é de Deus e está vedado aos ateus.
Assim, ao sol da lembrança, vi-me de novo criança

pelas dunas do passado que contemplei deslumbrado.
Lugares onde a beleza abençoou Fortaleza.
Pela Praia do Futuro onde o oceano ainda é puro
e no perímetro urbano que não via há quase um ano,
encontrei uns bons amigos, uns burgueses e uns mendigos.
Nos bares `a beira-mar respira-se ainda o ar
e nos remotos recantos ainda restam quebrantos
que quebram no mar os prantos
dos sonhos que sonha o mar.
E se vamos a vagar nos labirintos da infância
que se perdem na distância,
o mundo se faz pequeno e o coração fica pleno
de amores, canções e encantos
que se transformam em cantos.

ABANDONO

O róseo céu deste poente assalta-me a serenidade,
derramando um turbilhão de sombras que me anoitecem.
Este escurecer no tempo me dá medo da cruz do destino
e me arrebatava em dúvida e ansiedade.
Sobressalto-me em pavorosa melancolia, todo no modo da paixão,
refugiado em temeroso solilóquio, perdido em divagações,
urdindo arcanos na treva imaginária dos devaneios.
Vago no vazio desta alameda lúgubre,
penumbra errante de manicômios,
inacessível arena de letárgica impossibilidade.
Sinto-me numa aldeia cujos habitantes desapareceram
e tenho tanto desprezo por mim
que as quimeras que avisto esvoaçaram
no tumulto de miragens do meu sonhar.
Desandei a esperança em cismas
e nas esquinas do passado tudo é nostalgia
e tudo é engano e escárnio nos perigos da hora.

PORTAIS

Os portais do nosso lar têm música púrpura,

rubros pavilhões de avenidas de sonho,
jardins de cânfora com faixas flamejantes, castelos de janelas fluidas.
Os portais do nosso lar esvoaçam roxos lençóis de encanto,
expandem melodias de alaúdes de pétalas como árvores de névoa.
Centauros e unicórnios flutuantes em transitórias caravelas.
No róseo mar onde os peixes da noite voejam,
navios de espuma se evadem inundados de fogo
para as profundezas do cais infinito.
E além daqueles umbrais em que um dia adentraremos,
fremem fagulhas imersas na imensidão,
templos dispersos nos ardentes mangues,
na floração dos breus.
Dinossauros de treva esmaecidos em rajadas violetas...

MEDITAÇÃO MARÍTIMA

Que entardecer existe além dos portos do destino?
A quem pertence o navio que faz ondas no mar da vida?
A que ilha evaporas, espuma de murmurantes caminhos?
Vagas tumultuosas, que desígnios têm as dispersões dessas crateras lunares,
nevoeiro de sonho oculto no pensamento?
No mar do poente, o roteiro enigmático da frota das nuvens.
Golfos abissais na profunda introspecção...
Pássaros passam num presságio:
sopro de aventuras que a noite leva,
mistérios...
O farol da lua e a nave do sol no cais do infinito.
Os astros cingem de prata as flores dos aquedutos.

DESENCANTO

Se penso em mim só vejo a ti.
Se vejo o mundo é só vazio.
Quanta saudade! Entristeci!
Se o dia luz ando sombrio.
Chove no mar ou tudo é estio?
É noite em mim ou amanheci?
Entre certeza e desvario

no teu destino me perdi.
A confusão que me circunda
não me escurece nem me acende.
Nada ao redor meu olhar prende.
Onde sorri -- tristeza funda.
Fechei os olhos ou te vi?
Em contrição minh'alma afunda.
Meu coração, meu colibri.

SUDÁRIO DA NOITE

Gosto do mundo quando a noite é densa
e o silêncio vela a dormência dos seres.
Quando a madrugada sopra sobre o desespero de quem vive
e o sudário da noite, como um cautério sobre as ondas,
entorpece a teia magnética das dimensões.
O pensamento é nuvem a esmo na calma das sombras.
Sucessivos labirintos do segredo.
Gosto da carícia que se impõe nos hálitos imantados,
nas irradiações de prata finíssima
que se desfiam no tear do enigma...

ESTÂNCIA

Eu lia um livro que o tempo me tomou das mãos.
Recuperei-o depois
e era um tesouro, um vento.
Natureza que se ofertou.

TAO

O caminho de luz é o instante puro.
Estou leve, levitando a voar
na plataforma do ar.

PALAVRA

A palavra lavra e livra,
salva o verde-oliva e vale o sal da saliva.
A palavra, palma e sabre, abre o pálio da alma:
calma, fava, lava e fala.
A palavra, alba e nave, sagra e singra, criva e crava,
dádiva da vida, dívida velada.
A palavra, válida lágrima,
alta, ávida, álgida, atávica,
ata o laço -- lacre álacre.
A palavra prática, tática, fática,
nada errática mas exata,
grava grave a inata graça.
A palavra sensata: serenata,
sana -- bálsamo de nata.
Dinâmica, lírica, linfática.

DESCOBRIMENTO

Descobrir que cada minuto pode de momento de descoberta.
Descobrir o futuro, redescobrir o passado
e o segredo de cada instante.
Descobrir a terra e a flora interiores
e o que há de céu no cérebro.
Descobrir a vastidão do amor
que é sempre novo descobrimento.
Vivemos na expectativa da plenitude
e isso é descobrir o encanto oculto na consciência.
O que há de Deus nos pássaros e na claridade.
O poder do Sol e do Tempo.
Saber que a descoberta era o contrário do que se pensava
e reconhecer a espera do descobrimento.
Também isso é descobrir.
Descobrir na indivisibilidade da natureza a totalidade das coisas
e situar-me ante o universo.
Descobrir os objetos diários
e a prática transcendental de torná-los úteis `a evolução.

ODE `A BICICLETA

Todo lúcido poeta tem a sua bicicleta
e utiliza com afã esse puro talismã.
Pedalando em liberdade, venço o dragão da maldade
que contamina a cidade.
Livre do tédio e do medo dou risada do degedo
em que a vida me tem posto.
E se acaba o meu desgosto!
A vida é bendita e clara
quando lavo minha cara
na brisa que sopra o mar, quando saio a pedalar.
Se o fardo da vida pesa, todo bardo que se preza
na bicicleta passeia como o pássaro gorjeia.
Sonhando com a liberdade necessária `a minha idade,
minha vida se projeta no plano da linha reta.
Chego cedo `a minha meta andando de bicicleta.

MEDITAÇÃO TAOÍSTA

Uma noite ao relento, chovisco molhando a cara,
amanhece e converso com amigos.
Palavras clarividentes como os reflexos que atravessam a janela.
Falamos de experiências pessoais, criteriosas e esotéricas.
Mas nenhuma parece igualar-se
ao silvo auspicioso do pássaro que lá fora canta.
Ah, não é isto felicidade?
Amanhece atmosfera de gelo e o céu tem cor de elefante.
O frio contrai os músculos e a vontade de tomar banho.
Mas a inteligência cria prodígios tecnológicos.
Alegria de mergulhar na água tépida que o choveiro oferenda.
E depois de enxugar-me com duas toalhas,
fazer a barba simetricamente até a pele adquirir tonalidade azul.
Ah, não é isto a felicidade?
Longo tempo posterguei a satisfação de uma necessidade.
A bexiga oprimida, relaxa de repente.
Irrompe o estrídulo da urina no óvalo da latrina.
Ah, não é isto a felicidade?

No almoço todos os comensais conversam ao mesmo tempo.
Gesticulam e contam anedotas vulgares.
Despeço-me dos donos da casa e regresso ao aconchego da minha cama.
Busco refúgio sob um suavíssimo cobertor
e ouço os rumores longínquos da rua.
Ah, não é isto a felicidade?
Passeio pelo litoral bebendo o ar da noite
e ouvindo o marulhar do oceano.
Vejo o deslizar da espuma como um campo de neve em fluxo e refluxo.
Fico mirando as ondas,
sem pressa e sem ânsia de narrar aos amigos a magnitude desta sensação.
E depois de tudo isto, ando assoviando pelo jardim,
recebendo em troca o perfume das flores.
Ah não é isto a felicidade?
Participo a contra-gosto de uma reunião de comerciantes
que planejam vender tecidos de algodão.
Nenhum deles tem condições de financiar o investimento
e a conversa enfadonha se prolonga
em torno da falta de recursos do grupo.
De repente, soa o sino da igreja cuja cúpula vislumbro ao longe.
Abstraio-me completamente na ressonância evocativa.
Ah não é isto a felicidade?
Ando pela rua olhando o luar na amplidão.
O vento é um milagre de amor `a sombra da plenitude.
Nada é obstáculo `a certeza do que significa um céu de estrelas vivas.
Ah não é isto a felicidade?

DETRITOS

Um embuste de necrológios.
Um embate contra os relógios.
Revólveres abissais,
êxtases como punhais.
Escórias num dorido hausto,
a lama como meu fausto.
Segunda-feira frustrada,
fuga e trégua introjetada.
No dissabor de tais dias,
são ânsias as agonias.

Algum pavoroso corvo
causou-me esse estranho estorvo...
Castiguei ou dei trambiques
em bárbaros ou caciques?
O que é ludíbrico ou procede?
O que é aroma, o que fede?
Que fiz aos diabos obscenos
que me lançam seus venenos?
Em mãos servis de pomposos,
seviciados asquerosos,
mercê de tótems de máfia,
de megalômana empáfia,
repugno a astúcia devassa,
enojado com a trapaça
dessa mentira oficial
de repercussão fecal.

ESCÁRNIO `A CRISE

Recuperarei senso e prumo?
Só depois da crise.
Retomarei meu rumo?
Só depois da crise.
Respirarei ar puro,
pularei o muro?
Só depois da crise.
Lerei obras edificantes, serei como fui antes?
Terei liberdade e sossego entre um suspiro e um resfolego,
mas só depois da crise!
Minha vida adiada, sorte lançada
`a sanha insana da condição humana.
Meu direito ao repouso
a que sonhar não ousou,
extorquido pela crise.
A crise senilizou-me a juventude,
é um fantasma que me ilude.
Vilipendiou-me a dignidade,
com licenciosidade turbou-me a fronte,
secou-me a fonte, é um Aqueronte, um mastodonte,

diabo velho de chavelhos,
obcessão de espelhos,
desgosto que macera o rosto, frasco de fiasco!
Crise --- megera-medusa,
marafona obtusa, bruxa esdrúxula,
pústula exposta, crise de bosta!
Espantalho da cara do caralho!

VINDICTA

Onde está o que sorri
com olhos de maximizar prendas do destino?
Quem me conhece sabe que ando sofrendo.
Os caminhos por onde vou...
Onde o príncipe, soberano inatácavel?
Vê a minha indignância!
Imploro augúrios ao empíreo,
aflito nos ínvios enleios da expectativa.
Espero o milagre de que me alimento
e sempre a espera se renova.
Mas quem recordará comigo a dor dos pavorosos dias,
depois que o tempo crivar cicatrizes sobre estas chagas?
Depois de tanta luta insana, quem estará comigo
quando eu abraçar o galardão dos vitoriosos?
Sofri bastante para ser lembrado entre os poetas.
Vinde, vinde, fiéis amigos,
é tempo de vislumbrar um horizonte de justiça!

SERENÍSSIMA LAGUNA

Dissolvem-se os meus dissabores na doçura límpida,
leveza lânguida.
Recolho imagens na distância.
As ilhas fervilham nos embarcadouros.
Agosto cintila nas verdes redomas.
Calma nos murmúrios imanentes,
marulha o vagar da íntima tarde.
Tenho sons de búzio na voz da memória.

Cessa-me o fulgor das ansiedades.
Instilo-me transparências.
Na íris de netuniano horizonte,
desenho a gôndola dos meus sonhos.
Sereníssima laguna:
devoto-me `a liturgia das marejões,
com o encantamento de flutuar entre palácios.

A UM CASARÃO DEMOLIDO

Restou um muro entre o nada e a insânia dos carros.
Onde o vulto altaneiro, teu arquétipo?
Castelo de sonho, mansão estirpada de um vergel,
contigo implodiu o logradouro onde as ilusões.
Esmagou-te bárbara turbamulta, Hiroxima de bestial tropel.
Relíquia pisoteada, as alegrias inventavam manhãs...
Pena ver-te dejetado, receptáculo do córrego de imundícies,
campo de lixo da outrora nobreza.
Rua Francisco Sá, venturoso rincão,
Jacarecanga, até quando as vilas e os casarões seculares?
Quem conhece o sentido da infância?
Quem te esmagou neste abandono,
monturo te sonhou jamais, se antes vitrais e jardins?
Rasgaram os teares da fantasia.
Mas um poeta ainda tece, num manto de memória,
o que dos arejados alpendres se vê: o mar.
E se condói do abandono teu
o habitante de para além-terras de ninguém.

NOS DOMÍNIOS DE POSEIDON

`A divindade azul que invade os continentes
e pinta as manhãs com guirlandas de espumas.
Ao filho do Tempo, irmão dos horizontes
e de Zéfiro, que faz voar os tetos límines,
venho oferecer, como flores ao pedestal dos rochedos,
versos como pilares de promontórios.
Espero as dádivas do seu reino,

pois como Byron e Egeu,
olhos na imensidade,
também soluçei pelo herói distante.
E canto os dons de sua fortuna desde as navegações imemoriais.
Ao rei das nascentes e ao luzente Apolo,
que aquece o coração do santuário,
peço a paz dos brandos ventos,
a mansuetude de uma viagem lúdica,
sem glaciações e com dóceis aragens.
Possa eu singrar os golfos da contemplação e ancorar nos serenos dias.
E ante a visão de nereidas de claridade,
nos perfumes das águas estivais,
aportar nas ilhas brancas, sem a insurreição das coisas fluentes.
Sob o radioso céu dos arquipélagos,
quando a cruz de minhas ânsias repousar no altar dos séculos,
erga-se no mármore um arco `a legenda dos meus alumbramentos.

O OUTRO TEMPO

Não havia o problema da consciência:
a instância dos medos.
Doce era a dádiva de respirar.
Havia o encantamento das manhãs de águas imóveis.
Vieram os redemoinhos `a porta do degredo.
A arte de multiplicar o tempo era descobrir os horizontes,
as aventuras dos passeios e os frutos do quintal.
Era diversão a perspectiva do nada.
Ter coragem era entrar no Castelo da avenida Santos Dumont
ou subir na caixa d'água
e ver as estâncias da Aldeota e o mistério dos navios.
Até o céu era outro: não refletia signos selvagens.
Crepúsculo na varanda,
caminhar ao encontro das paixões,
ouvir as revelações do mar.
Legendas azuis que vivi transido em júbilo.
Apenas sentir a dimensão de tal perplexidade,
sem o limite das sensações controladas.
Havia perfumes ao vento sob cálido luar.
O segredo do encantamento era claro como ontem.

AFORISMOS DE ASCLÉPIO

Com o elixir das ervas do centauro afugenta os miasmas.
Se repousares nas grotas de onde flora o ânimo,
viverás a idade da luz em teu sentir.
Planta signos claros no íntimo firmamento.
Colhe grãos de ouro na gleba do existir.
Conjura os afortunados que irradiam paz
a quem respira em suas imediações.
Tal Hipólito, livre do Hades,
contempla as flores das origens,
refugia-te no sanatório dos pensamentos.
Na força com que o enfermo revive,
bebe das águas cósmicas.
Os astros brilharão em teus sonhos,
células planetárias no orbital hemático.
Como o fruto absorve as cores do sol,
fabrica o mel do futuro nos favos do dia.
Inebria-te de sóbrias harmonias.
Assiste ao espetáculo das alegrias.
Desfruta das benesses do ar.
Descerra as ribaltas do drama:
com júbilo flui a consciência nas correntes mágicas
e a substância da saúde cantará nos cântaros.
Com um bastão de prodígios
rege a orquestra da fortuna
(graça de festival em Epidauro).
Suspira com os pássaros em ablusões de vida.
Teus remédios serão os aromas silvestres.
E os bálsamos se destilarão nas tuas manhãs.

MUSEU DE MIM

O dia em que li Mário de Andrade numa rede em Niterói.
As manhãs em que fui à praia na infância.
As tardes de futebol e as noites de viajar pelo sertão.

Quisera reviver tais momentos nas horas de agora,
horas de luta em que estas quimeras resvalam entre os meus dedos.
Tento recuperar o insólito desses momentos,
em peregrinações, nas buscas de alumbramento
em que me alentam visões do céu mais claro e da erva mais florida.
Como agora retrocedo no mar dos sonhos,
restam lembranças como pedras destroçadas,
sepultadas na necrópole do tempo.
Velhas cisternas de alegria, pórticos de ilusão abandonados,
consumidos no embate dos aluviões.
Outrora ânforas de emoção ao descobrir a vida,
hoje sarcófagos de nada quando as relembro.
Rotas tumbas no capinzal da memória.

PRELÚDIO VERNAL

Só hoje vi que as flores são flâmulas nos páramos.
O inverno me obscurecia este amavio.
Mesmo alguns aromas que agora reconheço
não existiam antes no sono da consciência.
Mesmo as vozes de criança que agora me enchem de fulgores
eram imperceptíveis antes deste arrebatamento:
os trinos de diversos pássaros em festa
e o gosto cálido de atmosfera renovada,
tudo quanto se configura em novas perspectivas,
alvíssaras de aprazível tarde,
tudo tem agora um sabor de ansiedade,
como a vida que tenho, plena de translúcidas cores.
Limpidez de alvorada na noite de tristeza,
desvendou-se a névoa da tranqüilidade.
E a lucidez agora é inquietude.
E só hoje vejo os lumes sem devaneios.
Que só hoje aprendo o sentido da solidão.
Só hoje entendo a lição das contingências.

LIÇÕES DE ABANDONO

Vou acender as luzes da casa por temer o escuro da solidão.

Passarei a noite ouvindo velhas canções
para ressuscitar as emoções do passado.
No peito rosas de paixão e na memória os perfumes do céu,
agudos violinos me estão tocando n'alma.
A tristeza dos salgueiros tem o gosto das minhas lembranças.
Coração na ribeira do abandono,
tanto a saudade me tem molhado os olhos.
Vento noturno, por que vieste abater-me o ânimo?
Por que tens tom melancólico e me magoas com teus vórtices?
(Por certo Eros e Afrodite se divertem com meus infortúnios).
Enquanto tardam as andorinhas, derramas púrpura sobre o dia,
turvando as paragens do meu caminho.
Com nostálgico reposteiro ocultas a miragem dos bosques.
Até quando permanecerei calado e triste
`a espreita das minhas alegrias?

NA RIBEIRA DO THAMES

A Hungerford Bridge revela lírica visão:
além dos barcos e da Cleopatra's Needle,
das Reais Cortes de Justiça e da Catedral de São Paulo de formosa cúpula,
o Thames viaja de manso...
Observando a ponte vazada de ruidosos trens
que rasgam espaços em estruturas de ferro,
vejo o tecido de água que o vento encrespa
e a mansuetude de suas ondulações
e experimento o grande alívio que veio apaziguar-me os tormentos do dia.
Sorvo com alegria os bálsamos da tarde
em que as aves sobrevoam redemoinhos.
Cai a noite como um sudário de orvalhos que me revigora,
retalhos luminosos lampejam sobre a relva.
O Thames desliza um vale de mistério, escorre as águas da noite
onde mergulham reflexos como espadas de luz.
Em vagarosa fluência passam as imagens do destino.
Meu pensamento gira na corrente que arrasta as espumas
e enquanto a cidade me assusta com máquinas turbulentas,
deixo-me comover com as peripécias do velho rio.
Esplanada de benevolentes fluidos,
cálido noturno de agosto com imperecíveis fantasias.

O diadema da Westminster Bridge cinge o Temple Bar Memorial.
Minaretes de exatidão, cimos reflexivos de aguda luminosidade,
as Houses of Parliament ostentam tesouros de filamentos longilíneos,
talhados em delgadas estrias.

LEGENDA DE CARTAGO

Ainda ontem vimos a cidade branca como o dia
e os homens pasmos diante dos cafés.
Túnis espriada de alvura matinal,
fênix fenícia, guardada pelos pássaros.
E como brincava na praia um menino escavando a terra,
animalzinho alegre saltitando na areia!
E como eu me abismava na vastidão
recolhendo as coisas do azul!
Cartago, esfinge de cinzas,
as colinas corroídas, urnas e mosaicos subterrâneos,
infensos `a sanha dos saqueadores.
Perguntavas sobre as guerras púnicas,
enquanto eu via Cartago em meu âmago.
`A sombra dos meus encantamentos,
fragmentos de sua glória esquecida.
Hoje que me recolho sob um céu aziago,
os filhos da floresta perguntam por ti.
Viaja com Deus, dizem-me alguns,
enquanto as árvores se reclinam quando me avistam.
A chuva me alcançou na estrada.
Pranto em que naufrago ante o desafio da intempérie.
Pilares visionários do meu templo,
tapera das minhas utopias.
Não há esplendor na face destas metamorfoses.
Só tristeza iluminada e a visão do azul cristal.
Aqui, esfinges decepadas, erosões no calcáreo,
vândalas vibrações.
Além, a imensidade, lívidas branduras,
luz nas escarpas sagradas.

PORTO DAS JANGADAS

Eis-me a sentir o aroma dos quintais que degusto com os pássaros.
Recordações de clarividência.
Apaixono-me pelas branduras, quimera que o mar volatiza.
Sou ainda aquele que cultua as madrugadas, carícia da brisa nos veleiros.
Flóreos mananciais do meu imaginário:
ravinas em turbilhões, teia translúcida, cortejo anil.
São meus tesouros as acrobacias das ondas,
meu império luminar.
Careço dos rebanhos que reverenciam as tardes,
pois não vi as alvoradas de cinza,
nem as palmeiras na relva das vazantes.
Fico adorando atlânticas liturgias,
lisuras do planalto aéreo em festa.
Navegarei no segredo e decifrarei as espumas.
Meu refúgio na exuberância, meu silêncio.
Caminhos frugais que a bruma drapeja,
meandros que se recamam, serenas escarpas.
Em criança, de verde marinho e róseo idealizei minha casa,
matizes do teu ocaso, horto meu.

RUAS DE ALDEOTA

Caminhando no mormaço das tardes,
a barba por fazer como em outras tardes
que agora me vêm com os espinhos de recordar.
Magoado das horas em que passeio entre melancolias,
vivendo assim desde que me feriram estas emoções,
carente do antídoto da saudade,
aquele gosto de pitanga que me conduzia ao jardim,
um bálsamo transitório me garante o enlevo.
Ah no tempo em que eu perambulava à toa,
eram as ruas sem asfalto e a vida sem cuidados.
Depois veio a semântica dos temores,
o tumulto das sensações.
Trilhei ínvios roteiros e cultivei papoulas de ilusão.
Súbito, numa rede de sonhos,
lamento o meu destino nômade
e antecipo as tardes cálidas de hoje,
rendido ao que fui,

querendo ser o agora pleno de antes e de amanhã.

MEIO-DIA NO SERTÃO

Tem cupim de asa na fazenda e não choveu:
o calor esturricou as ribanceiras empalmeiradas,
os matagais estão da cor da terra,
gado muge de sede na capoeira.
O vento de novembro arrasta as nuvens
pra despejá-las no mar.
Palha seca sussurra no mormaço,
o ar quente secou as cacimbas.
Só na boca da noite as plantas gostam de beber.
O caboclo descança `a sombra do tempo abrasado.
Estranho como a água escorre
e desaparece que nem dinheiro de pobre.
Mas a chuva de súbito inunda tudo,
porque há fonte em toda parte: céu, ar e terra.
Mas dinheiro é escasso,
depende de patrão que abusa da força humana,
e quer secar o homem feito rama de capim.
Um tempo assim faz meditar no destino...
Silêncio clama no rigor da hora.
Marmeleiro sem folhas espera algumas gotas,
os capotes se alucinam em algazarra,
um bando de aves escuras redemoinha lentamente
e se esvai sem deixar vestígios.
O vento rumoreja no folharal,
brinca nas palmas tremulantes.
Os lençóis brancos do céu se dissolvem.
Os cajueiros exibem ouro nas frutas.
O sanhaçu faz festa pelos galhos.
Silêncio crepita ao cálido sopro do meio-dia.

O CONHECIMENTO DA NOITE (VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE OLAVO BILAC)

Andarilho da noite do mundo,

aspiro `a festa das estrelas,
`a verdadeira vida que só é possível no domínio das estrelas.
No degredo das ruas, quem vive como se não vivesse,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.
Nas trevas em que me perco, se não fito os lumes do silêncio.
No tédio em que me exilo, se o vento do desengano
não reduz a distância de mim ao âmbito celeste,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.
No tempo que mata o gosto da vida
e no desencanto noturno de sobreviver,
nauta de minha solidão, notívago dos meus sonhos,
procuro os meus guias no cardume fosfórico,
além dos escombros da terra.
Púrpura na tela do infinito,
tenho a esperança de um dia reduzir a distância
entre o meu pensar e o meu pesar,
viajando entre as nuvens,
com destino a um lugar onde poderei ouvir e entender as estrelas.
No estado melancólico em que vivo,
quisera ser capaz de entender o espetáculo da noite,
a Via Láctea como um pátio aberto...
Mas as estrelas estão altas e distantes e se ocultam no nevoeiro.
Não lhes interessa as coisas pequenas deste mundo,
as atitudes tacanhas e os pensamentos mesquinhos da humanidade.
Num domínio superior, inacessível a quem vive cá embaixo
exposto `a desordem, `a pândega e ao estradalhaço,
as constelações flutuam...
Noutro reino, que imagino de bem-aventurança,
tão diverso do pardieiro que se conflagra nas imediações,
quisera ser capaz de ouvir e de entender as estrelas.

O GUARDIÃO DE MIM

O que sei é nada.
Que da vida entenderia
se não me houvesse feito entender o Guardião de mim?
A segurança que tenho vem da providência
e da piedade com recebo amor do Guardião de mim.
O nada que sou é gota de ser,

apenas porque assim o quer o Guardião de mim.
E meu pouco torna-se imenso,
se reconheço a dádiva que provém do Guardião de mim.
A paz é benção que me mantém,
confiança em que receberei sempre a luz do Guardião de mim.
Na névoa do medo a serenidade vem
de quem me acalma procelas,
de quem me guia o destino.
Que firmeza me sustentaria com poderosas mãos?
Quem tem as mãos que me conduzem ao sereno porto?
E de quem posso esperar sempre mais luz?
Do Guardião de mim.

O CLAMOR DAS CIRCUNSTÂNCIAS

Ontem, alma embargada de travos de amargura,
pesavam-me turvos pensamentos.
Infenso à ínfima psicofera, carpia as mágoas do sentir.
Minhas incoerências refletiam ecos da dor do que fui.
Angústias, neurastenias, lástimas que chorei sem lágrimas.
Noite na aura e o torpor dos remorsos,
cálida corrosão borbulhando, toldando as águas íntimas,
redemoinhos revirando o pó das emoções.
Hoje um fabuloso fluxo de energia lançou-me a outro polo.
Estabeleceu-se um turbilhão de memórias em mim.
Índio que me tornei no meio do tempo.
Como as coisas do mundo me decepcionam
e só na contemplação entendo o colosso da vida!
Estranho como a vida se faz urgente, de súbito!

PENSAMENTOS NO BOSQUE

Aqui nenhum carro nos agredirá contaminando a vida.
Ao invés do barulho dos motores, sou recebido com música.
Melhor que a recepção dos estadistas,
homenageados com tiros de canhão,
os rouxinóis me oferecem uma fábula de trinos.
Convidado de honra, declaro-lhes o meu júbilo

e celebramos um acordo auspicioso,
mais solene que as cartas credenciais
e as mensagens dos chefes de governo.
Que não surja humana figura com triste aspecto.
Apenas o chão de pétalas e o perfume.
Apenas a placidez das ramagens.
Atmosfera serena.
A sombra reconforta as árvores refletidas nas dançantes águas.
Sobre as pedras um passarinho bailarino toma banho de areia.
A tarde lembra um quintal perdido da infância.
Celebro a vida com os pássaros,
frágeis e ágeis, aterrissando, saltitando e fugindo,
velozes como o tempo.
Aqui não sufocamos o olfato com gases venenosos.
As árvores meditam ao embalo do vento,
lânguidas e permissivas.
Não venha humana figura...
O industrial destrói um reino enquanto acende o charuto.
Outro patife qualquer estragaria o ar e assustaria os pássaros.
Prefiro a companhia dos gnomos e elfos.

PASSEIO ECOLÓGICO AO MORRO DO LEME

Revelo ao mundo a sagração das águas,
a quietude da Baía vista do alpendre ajardinado,
o verdejante flanco das colinas:
grandes rochas envoltas em bosques,
portentosas escarpas aureoladas de nuvens.
Tudo está encantado: ipês, jequitibás e paineiras,
pitangueiras floridas, hálito celeste,
beija-flores, bem-te-vis, ressonâncias inebriantes.
Medito num refúgio de onde as grandezas se desvelam:
Urca, Pão de Açúcar, Corcovado, Pedra da Gávea, Dois Irmãos
e outros prodígios que se perfilam garbosamente
com postura de deuses antigos.
Deste mirante, Copacabana, mavioso leque,
arqueja, bordada de espumas,
até o istmo onde começa Ipanema.
Momento de êxtase, a visão do mar onipresente.

Tudo está encantado: os sons fantásticos na vegetação,
a procelosa viração das vagas
e este caminho na alameda virente.
À sombra serena, dádiva de andar neste espírito de saúde,
a efusão de aromas:
musgo, relva e folhas que recolho como bálsamos da alma.

ENTRE O CONJUNTO NACIONAL E O CONIC

Pasce o gado humano entre o Conjunto Nacional e o Conic.
Passa gente de todo espectro: mendigos, operários,
burocratas tangidos pelo ruído agoniado dos carros.
Toda sorte de gente a passar na passarela,
no impasse ou na parcialidade em que a vida se transforma,
vida: matéria-prima do tempo, pasto de transitoriedade.
Nunca mais as mesmas pessoas passarão
e os que passam deixam rastros de nada.
Restam imagens, vultos, espectros entre dois mundos,
os polos da cidade.
No desvão entre o Conjunto Nacional e o Conic,
os que vão sob a redoma celeste passam, passageiros do instante.
Passam deixando-me na retina o retrato do Brasil:
o sanfoneiro cego, a mulher de peitos balouçantes,
o aleijadinho desengonçado que se desvia dos transeuntes,
os vendedores de miudezas oferecendo mangas,
bonecos de pano, discos piratas.
O sujeito do boné tatuando a coxa de uma cabrocha.
O outro que lambe um picolé.
As miríades de coisas ínfimas espalhadas na calçada.
Tudo ao preço de um real.
"Melhore a sua imagem" , diz o que oferece antenas de televisão.
E outras vozes: "12 linhas, 13 agulhas, refresco de catuaba, milho verde,
pastel, churrasquinho, calcinha, camisinha" , etc.
De repente, um grito... Olha o rapa!
a negrada arruma a trouxa e se desabala no rumo da Rodoviária.
O policial esgalgo urubuserva tudo, especialmente as mulatas,
(as brasileiras partes tingidas de sol).
De Ceilândia, de Taguatinga, de Samambaia,
desfila um brasil de passo inconsciente,

que passivamente expõe etnias e castas,
neste elo que conecta os extremos de Brasília.
Diante de mim, os obeliscos do Legislativo,
a seqüência dos Ministérios simetricamente perfilados.
Diante de mim, em um minuto passam as duas mil caras do Brasil,
da casa grande à sensala, da favela ao shopping,
do latifúndio à sarjeta,
a cor morena denunciando as proezas do avô lusitano.
“Dá uma esmola fi-da-mãe-de-Deus”,
pede a mulher com o pequenino ao colo...
Com ar solene, a legião distribui minúsculos papéis
como se revelasse mistérios.

KEW GARDENS

Mirando a explosão verde que ressalta como um dilúvio extático,
recolho no âmagô a expansão de harmonia que os pássaros anunciam,
enlevos sonoros que me seduzem.
Chego exânime, peregrino apátrida e súbito, ânimo renovado,
bebo as promessas deste relâmpago de esmeralda,
inundação virente sobre o Rock Garden, o Woodland Garden
e entre a Gallery e a Palm House.
Não é mais suntuoso o opulento cedro que hegemônicos ramos alastra
que a lânguida tulipa curvada pelo vento,
nem tem mais esplendor o espelho em frente `a mansão
(os flamejantes frisos ondulando)
que a magnólia exalando o seu lilás sobre a relva.
A estrada de veludo alonga-se num encantamento...
trazendo à precária vida humana um minuto de eternidade.
Os cachos de róseas primícias, cromáticos refrigérios,
do céu irradiados,
como deleitam as retinas e o coração, íntimos da aspereza,
e os sentidos, infensos aos austeros ofícios da vida!
E como lava a alma de cristalina saúde o ar que aqui se respira!
A fonte dos mais deleitosos aromas tornou supérfluas as lojas de perfume!
O prodígio de satisfação murmura na folhagem,
o festival de vida emerge dos monumentos de folhas,
maravilhosamente plantados,
disseminando miríades de serenas sombras.

O BAZAR E AS ILHAS

Alá, aos brados, conclama as almas a adorá-lo.
Em plena mesquita, bermudas envoltas em saíotes,
os colegas deliram com a visão do bazar.
Aos mosaicos de Santa Sofia preferem os brocados das prateleiras.
Os novos iconoclastas desprezam hipódromo e Constantino.
Melhor as miudezas de ônix, as bolsas de couro, os cristais e as chaleiras.
Investem contra bandejas de prata, caixinhas com mandalas,
toalhas de musselina, azulejos com flores e peixes,
jarros com toda sorte de insígnias.
Discutem preços em todos os idiomas e bebem chá de maçã,
ao ritmo de música sincopada.
Apalpam tecidos policromos, lenços-turbantes,
entre sapatos de arlequim e doces de pistache.
Luminárias, panos caleidoscópicos,
xícaras alegóricas refletidos em espelhos.
Em cada loja uma parada estratégica
(como os cachorros diante dos arbustos).
Quanto custa? Quanto dá? Qual o mínimo?
Depois do festival de objetos reluzentes e da falação babélica,
a caminho das ilhas,
o taxista finge desconhecer a cidade e nos desfalca em 10 milhões.
Vagamos da Europa à Ásia e vice-versa,
sem entender a gaguez do turco: “Dolmabahce/Beylerbeyi”...
Em que continente nos encontrávamos?
Os colegas nem reparam na Torre de Gálata.
Estranham que a capital não seja Istambul,
mas algo como “Ankora”.
E quanto ao mar, que nome tem? Fósforo?
Nem percebem a lua no horizonte de Kinaliada...
Velejamos na esteira de espuma.
Na distância, as miríades da costeira, o luar de outubro
acendem céu e mar.

CANTO ATLÂNTICO

Atlântico, alma do planeta, nutro-me do sal de tuas fontes,
repositório de luz.

Sou o novo índio, extasiado com teus poros minerais,
transporto-me nas clareiras do teu alento,
hálito sideral.

Peregrino `a flor de teus marulhos,
sou alga de tuas marés, nervura de tuas espumas,
raiz do plancton.

Somos alvéolos do mesmo pulmão,
respiro contigo na mesma pulsação vital,
sorvo em haustos a essência de teu sonoro fulgor,
tua transparência me alumbra,
comungamos juntos a efusão cromática do sol.

Juntos, com as pedras, as árvores e as praias,
habitantes da mesma mansão cósmica,
bebemos aromas no mesmo jardim
e nos alimentamos de néctar de iodo e fósforo.

Como os anfíbios e as aves,
desfruto da mesma fotossíntese,
partilhamos da mesma herança hídrica,
nadando solidários nos mananciais da biosfera,
partícipes do maravilhoso enlevo da vida.

Os mamíferos nos comovemos com teu milagre,
teu sonho procriador,
tua proliferação cintilante,
miríades, cardumes, ressonâncias,
o profundo vigor dos horizontes,
o mergulho compulsivo das alturas.

Hóspedes da mesma estalagem,
vassalos do mesmo reino,
os humanos te saudamos, Atlântico!

Oráculo do templo em que, em uníssono,
com os cactos, as iguanas e os urubús,
solfejamos aos ventos cardeais,
celebrando a visão do espaço.

Como outrora, embevecido pela quietude rumorejante,
Anchieta grafou estrofes na areia,
enternecido pelo eflúvio do dia,
com os bem-te-vis e as falésias,
comensal do mesmo ágape, no erosivo planisfério,

canto a vastidão, a transpiração da Terra,
a volição dos perfumes frutais.

EXPECTATIVA DE VIAGEM

Hoje que o incenso da tarde desceu sobre a montanha,
meu ser respira perplexidade.

Viajarei com os encantos.

Louvado seja quem me concedeu este conforto.

A névoa do poente tolda o pavilhão das alturas,
mas o meu pensamento permanece translúcido.

Viajarei com o símbolo da plenitude,

flutuarei num céu de pétalas,

com destino ao coração dos meus.

Será de luz o meu itinerário.

Como é bom imergir nos braços da noite e confiar!

Viajarei sob a seda do luar,

imantado de serenos fluidos.

Louvado seja quem me concedeu esta primícia.

SANTORINI

Abriu-se o olho ígneo da Terra,

Plutão verteu efusões de enxofre,

forjou alturas colossais.

Fez-se o trono do mar onipotente.

O corpo do silêncio lavrando as cores,

transformando tudo em dia.

O sol descortinou as maravilhas,

a face do mar em fogo, alta magnitude.

Zeus outorgou a mitra ao Pantocrator.

Fúlgidos cristais ao vento.

Moldaram-se brancuras de frisos azuis,

simetrias de sal na crosta do magma.

Todo um paroxismo delineando campanários,

tetos cilíndricos, o vento a viajar na crista das ondinas.

Não se sabe o que é céu nem o que é mar,

apenas o prodígio aéreo.

Nele assiste a sombra das crateras,
fluem as naves do futuro.
Jaz a subterrânea face do enigma.
Cromáticos lenitivos silenciam.
Caldeira no círculo das lendas.
Aqui rendemos culto aos portais cicládicos,
aos desfiladeiros de Cadmus, aos golfos de mistério.
O reino em transe adormeceu nas profundezas,
repousou nos degraus da fortuna,
submergiu no sono das eras...
Dorme o ímpeto da eclosão...
Atlântida te nomeamos, tálamo prismático,
terpeno das estrelas, pleroma mineral.
Aqui se visita o claustro das alturas, porto da ventania.
Hoje que tudo repousa em arcano equilíbrio,
tudo luz na esfera líquida, aquém e além da clarividência.
É como se o berço de tudo residisse aqui,
como se a luminária do universo brilhasse apenas nestas escarpas.
Nada sei dos cântaros do trovão
e pergunto pelos limites do horizonte.
Onde as raízes da profecia?
Que promessa de redomas e alcantis
abriu o peito da rocha, explodindo o clímax do apogeu?
Que milagre acendeu o espaço do abismo ao céu?
Que espasmo descomunal atijou a fúria das tormentas,
e que sono votivo a serenou, plantando a ternura desta flama,
acalanto de quietude no campo iluminado?
Fez-se da lava falésia vestida de imensidão.
Todo o alumbramento de suave magnificência,
santuários de granito, aureolados de safira,
o imenso lustre de água marinha.
Signos de Apolo na efígie dos pilares.
Esplanada transcendental, lume de prata iridescente.
Repousem aeroplanos no basalto
e desfrutem meus olhos do balanço acrobático das ondas.
Envolto na circularidade do celeste manto,
possa eu transportar-me nas essências que o infinito desdobra,
na transmutação dos matizes, nas glaciais distâncias.
Calma na exangue transfulgência.
Um êxtase antigo me arrebatava em devaneios.

Imeroviglio -- imergi no espelho da esplanada,
de espanto e perplexidade,
pasma ante a fábula visionária.